



# boletim CDOC #12

## Editorial ...

A divulgação do acervo documental é uma tarefa fundamental para (re)ligar este espólio com a nossa comunidade, permitindo deixar pistas para futuras investigações e criar interesse para eventuais colaborações e doações. A memória coletiva é uma construção de todos, a equipa do Museu Municipal de Loulé conta convosco para esta preciosa atividade.

Boas leituras.

Escol hemos para si...

## ...no Centro Documentação

### AS MISERICÓRDIAS DO ALGARVE

DE MARIA HELENA MENDES PINTO E VICTOR MENDES PINTO

Procurando a salvaguarda e conservação dos bens artísticos e culturais pertencentes às instituições de assistência, o Ministério da Saúde e Assistência, encabeçado pelo Dr. Henrique Martins de Carvalho, reuniu, em 1962, uma equipa de voluntários, incumbindo-os de proceder ao inventário dos referidos bens. Da ação desta equipa, em estrita colaboração com os responsáveis de cada instituição, resultou uma série de dez relatórios, bastante minuciosos e documentados com fotografias. Compilada esta informação, foi observado que, do conjunto das instituições de assistência em estudo, as Misericórdias eram aquelas que possuíam os edifícios mais significativos pelo seu valor histórico, assim como os melhores arquivos. A obra *As Misericórdias do Algarve* é assim o resultado de um trabalho prévio de inventariação e investigação levado a cabo por uma equipa da qual os seus autores fizeram parte.

Editada em 1968, em Lisboa, pelo Ministério da Saúde e Assistência – Direcção Geral de Assistência, a obra está estruturada em cinco partes, respetivamente: 1.<sup>a</sup> parte – Misericórdias citadinas (Faro, Silves, Lagos, Tavira, Portimão); 2.<sup>a</sup> parte – Misericórdias de vilas (Albufeira, Alcoutim, Aljezur, Alvor, Castro Marim, Lagoa, Loulé, Monchique); 3.<sup>a</sup> parte – Misericórdias de aldeias (Alcantarilha, Estombar, Mexilhoeira Grande e Moncarapacho); 4.<sup>a</sup> parte – Misericórdias sem património artístico (Vila do Bispo, Vila Real de Santo António, Olhão, São Brás de Alportel); 5.<sup>a</sup> parte – Misericórdia extinta (Cacela). Por sua vez, nos capítulos dedicados a cada uma das referidas instituições é feita um súpula histórica acerca das mesmas, bem como uma descrição do seu património artístico, quando o mesmo existe, procurando encontrar os elementos de identificação das diversas peças inventariadas e preencher as lacunas cronológicas

detetadas. Esta informação é complementada com uma recolha fotográfica e um vasto conjunto de anotações que se encontram no final de cada capítulo. No que diz respeito à Misericórdia de Loulé (pp. 263-pp. 279), popularmente evocada pelos louletanos como Igreja e Hospital de Nossa Senhora do Ó ou dos Pobres, os autores traçam uma breve história desta instituição, assumindo, no entanto, algumas dificuldades relacionadas com o facto de nem sempre as duas instituições (igreja e hospital) terem estado reunidas sob a administração duma mesa comum, nem ocupado os edifícios onde hoje se encontram. Salientam também que “[...] pela construção de edifícios modernos no local da primitiva Casa da Irmandade da Misericórdia, e devido às sucessivas transformações do hospital e hospício dos frades grilos, para testemunho do património artístico da velha Misericórdia, restam alfaias de prata, uma bela tábua pintada e poucas imagens.” Seguidamente, são enumerados e descritos os valores artísticos que possui a Misericórdia de Loulé, desde a porta Manuelina ao Cruzeiro de Pedra, passando pela imagem de Nossa Senhora com o Menino, pequena imagem de alabastro do século XVII, que se encontra no interior do templo, até às pratas guardadas na sacristia, aos missais, bandeiras, altares e pedras lavradas.

Concluindo, *As Misericórdias do Algarve* revela-se uma obra de grande importância não só para o estudo destas instituições de assistência, como também para o conhecimento da arquitetura religiosa e do imaginário cristão algarvio, coligindo o que até aí estava disperso. O interesse deste estudo passa igualmente pelo inventário fotográfico que nos fornece e também pela constante procura em realizar um trabalho sério e representativo do que era a realidade assistencial no Algarve na década de 60.



CDoc – Espólio José António Madeira  
392 pp.  
28 x 20 cm

## ...na Hemeroteca

### **FOLHA DO DOMINGO**, SEMANÁRIO REGIONALISTA DE INSPIRAÇÃO CRISTÃ

Fundado em 19 de Junho de 1914, a *Folha do Domingo* é o segundo periódico mais antigo do Algarve ainda publicado. Atualmente, possui como complemento do título “O Jornal da Diocese do Algarve”, contudo esta designação foi alterada diversas vezes desde a fundação do jornal, altura em que o título era complementado pela designação “Com licença da Autoridade Ecclesiástica”. Com sede em Faro, este periódico tem uma conotação essencialmente religiosa, de inspiração cristã, mas distingue-se igualmente como uma publicação de carácter noticioso, nomeadamente ao nível regional. Enquanto órgão da Diocese algarvia, a *Folha do Domingo* assume-se como uma importante fonte para o estudo do ressurgimento católico após a implantação da República, em 1910, assim como de diversas temáticas como arte sacra, arquitetura religiosa, hagiografia, história do Algarve, etc.

Foi dirigido inicialmente pelo cônego Marcelino António Maria Franco, sucedendo-o depois o Cônego José dos Ramos Bentes, o Padre Manuel Francisco Pardal, o Padre Carlos do Nascimento

Patricio e Samuel Mendonça. De entre os seus colaboradores destacam-se o Cónego José Cabrita, o Padre Clementino de Brito Pinto e o Professor José António Pinheiro e Rosa. Das secções regulares salientam-se: “Evangelho”, “Entrevista da semana” (coluna sobre representação, locução e jornalismo), por José Cordeiro de Almeida; “Razões da minha razão” (artigos sobre moral e ética cristã), por Manuel Francisco Pardal; “Apontamentos mais ou menos turísticos”, por Clementino de Brito Pinto; “A Igreja em notícia” e “O Algarve semana a semana”.

De entre os inúmeros artigos de interesse, nomeadamente para o conhecimento da história local e regional, enumeram-se apenas alguns, a título de exemplo: “O mês de Maria na história religiosa do Algarve (subsídios para uma monografia regional)” (n.º 2504, 5 de maio de 1963), J. Fernandes Mascarenhas; “Barlavento, Sotavento e Loulé” (n.º 3055, 15 de dezembro de 1973), António de Sousa Pontes; “Prossegue a obra de electrificação do Concelho de Loulé” (n.º 3574, 9 de março de 1984); “Grande êxito nas Jornadas de História Medieval do Algarve e Andaluzia realizadas em Loulé” (n.º 3611, 30 de novembro de 1984). Sobressaem igualmente um conjunto de artigos dispersos por diversos números com o título comum “Nótulas museológicas” da autoria de Pinheiro e Rosa. Publicados durante 1973, estes artigos incidem sobre o Museu Arqueológico e Lapidar Infante D. Henrique (atual Museu Municipal de Faro), descrevendo o edifício do mesmo, assim como as suas salas. Importantes são igualmente os artigos dedicados à questão do turismo no Algarve, tais como: “Aspectos importantes do desenvolvimento turístico do Algarve” (n.º 2494, 24 de fevereiro de 1963), Torquato da Luz; “Importância e actualidade da sociologia do turismo” (n.º 3035, 21 de julho de 1973) e “As belezas do Algarve contadas na revista francesa La Vie du Rail” (n.º 2490, 27 de janeiro de 1963).

Na nossa hemeroteca possuímos os números da *Folha do Domingo* publicados entre os anos de 1961 e 1993.

Terminamos com a transcrição de parte de um artigo que ilustra bem o contributo deste jornal para o conhecimento da arte religiosa algarvia. Intitulado “O nascimento da Virgem na arte religiosa do Algarve”, este artigo, da autoria de Álvaro de Valadares, procura reunir as diversas manifestações artísticas no Algarve que celebram o nascimento de Nossa Senhora. Para o autor, “[...] é no azulejo que encontramos a mais curiosa celebração artística do Nascimento da Virgem.” e, nesse contexto, considera o painel da Ermida de Nossa Senhora da Conceição, em Loulé, o exemplo mais notável. Álvaro de Bernardes escreve então:

“A mais notável peça de cerâmica versando este tema, é, porém, o painel da igreja de Nossa Senhora da Conceição, de Loulé. É o primeiro da parede do lado da Epístola. Descrevo-o. Enquanto duas criadas assistem a mãe parturiente a um lado, duas outras assistem a parteira, que enfaixa a criança, e outras três preparam a água do banho. Ao lado do fogareiro, o gato

dorme. E, mais afastado, mesmo com o ar de pessoa inútil na circunstância, S. Joaquim contempla a cena, sentado e mudo. No céu esvoaçam anjos.

Eis uma obra de arte, que, além de elevada expressão religiosa, contém um perfeito quadro de costumes da época.

A legenda diz: 'Orientur stella ex Jacob e (t) consurget virga de Israel' (Num. Cap. 17). É bíblica mas não é uma citação literal. São duas alusões, uma à estrela de Jacob e outra à vara reflorescida de Arão, dois símbolos aplicados à Virgem."



## ...na Fototeca

No ano em que se comemoram os 140 anos da Sociedade Filarmónica Artistas de Minerva, apresentamos um conjunto de onze fotografias respeitantes às comemorações do 84º aniversário desta filarmónica, em 1960.

Notícia o jornal "A Voz de Loulé", de 05 de Junho de 1960, que a Sociedade "Filarmónica esteve em festa nos passados dias 21 e 22 de Maio (...)" e que nesse ano "as festividades concentraram-se especialmente na sede da Sociedade, que para o efeito foi vistosamente engalanada, e onde, no dia 22, se realizou uma sessão solene para comemorar o acontecimento". Este artigo inclui também a mensagem dirigida por Maurício Monteiro, onde este se congratula pelo aniversário da Banda, fazendo especial referência ao seu percurso pela mão do Mestre Pires, "cuja competência e dedicação à "sua" banda tão alto a classificou em vários concursos, prestigiando-a não só em Portugal mas também no sul de Espanha, época áurea que a consagrou uma das melhores do país. (...) Seguidamente procedeu-se ao acender das 84 velas do monumental bolo de 8 "andares", confeccionado pelo Sr. Joaquim Costa Fernandes", distinto organizador deste evento, que se prolongou animadamente até madrugada.

Este conjunto de fotografias mostra alguns dos momentos da festa - o salão repleto de convivas dançando ao som das modas da época, o cortar do bolo por Maurício Serafim Monteiro, saudoso dirigente da Banda da qual fez parte durante 25 anos, entre 1925 e 1950 e o momento de aplausos ao seu entusiástico discurso.

Este acontecimento reflete o valor dos Artistas de Minerva no seio da nossa comunidade: o seu estandarte transportou o nome de Loulé aquém e além-fronteiras e o brilhantismo das suas atuações tem enaltecido o

orgulho louletano ao longo dos tempos. Daí que a Sociedade Filarmónica Artistas de Minerva se revele como símbolo de coesão cultural da nossa comunidade.

Estas fotografias foram integradas no acervo da Fototeca do Museu Municipal em Outubro de 2008, aquando da recolha do espólio da Filarmónica da sua antiga sede, instalada no emblemático palacete da Rua Ancha, atual Rua Sacadura Cabral. Esta transferência deveu-se ao avançado estado de degradação que o edifício apresentava e que estava a comprometer os bens da coletividade. Estas iniciativas estão inerentes às competências do nosso Museu, cuja missão é a salvaguarda, preservação e divulgação das nossas memórias. Deixamos o convite para conhecer de perto esta coleção que poderá ser vista na vitrina da Sala Polivalente do Museu Municipal.



ML.A1882 a 1892  
12,8 x 8,9 cm



DIVISÃO DE CULTURA, BIBLIOTECAS E ARQUIVO

[museu@cm-loule.pt](mailto:museu@cm-loule.pt) / 289 41 45 36  
seg a sex: 09h30-12h30 \* 14h30-17h00



**loulé**  
concelho